

Resumo: O Reino de Deus é uma utopia de que o homem necessita para plasmar a história. A utopia dos primeiros Cristãos desapareceu quando Constantino ligou a religião ao Estado. Posteriormente, no fim do século XIII, o Papa Bonifácio VIII se arrogou um poder superior, imaginando construir o Reino pelo “poder” e não pelo “amor”. Depois, ainda, o cristianismo se afastou da cultura científica com Galileu. No cristianismo hispano-americano, porém, devemos salientar a luta dos religiosos dominicanos e a escola de Salamanca (Montesinos, Las Casas, Vitoria), que conseguiram a Lei das Índias (1542), verdadeira origem da declaração universal de direitos humanos (ONU, 1948). A construção do Reino deve ser compreendida com uma visão teleológica e não deontológica: assim devemos caminhar com nossa memória histórica, seguindo Jesus, para promover um mundo mais humano, mais fraterno, orientado para a salvação definitiva por Deus.

Abstract: The kingdom of God is a utopia that the man needs to shape the history. There was a utopia of the first Christian that disappeared when Constantine put together the religion with the state. Later, at the end of 13th century, Pope Boniface VIII has arrogated a higher power, imagining to built the Kingdom by “power” rather than “love”. As an important result, Christianity stood aside of the scientific culture with Galileo. In the Spanish-american Christianity, however, we must emphasise the work of religious dominicans and the school of Salamanca (Montesinos, Las Casas, Vitoria), who managed the law of Indies (1542) real origin of the universal declaration of human rights (UN 1948). The construction of the kingdom must be understood with a teleological not deontological vision, so we must walk with our historic memory, following Jesus, to promote a world more human, more fraternal, guided to the definitive salvation by God.

O significado do Reino de Deus à luz de uma teoria evolutiva

Parte II: De Jesus até o Presente

Rosendo A. Yunes*

* O autor é Pesquisador Senior do CNPq; Doutor Honoris causa da UNIVALI; Premio Scopus Elsevier-Capes 2009 pela relevância de sua contribuição científica à formação de recursos humanos; Medalha João David Ferreira Lima da Prefeitura Municipal de Fpolis pela sua contribuição à educação superior em Santa Catarina.



1 O Reino de Deus como utopia social dos cristãos

Os fariseus e letrados foram qualificados por Jesus, no capítulo 23 de Mateus, como hipócritas, porque defendiam estruturas opressivas, fechando, assim, aos homens, o reino de Deus neste mundo. Jesus fala no tempo presente: “*Fechais aos homens o reino de Deus. Vós não entráis, nem deixais entrar os que o tentam*”. Não está falando no tempo futuro, de um reino que não é deste mundo.

Devemos pensar que tipo de sociedade permite ao homem uma maior abertura para o transcendente. Uma como no judaísmo, onde tudo era dirigido ao coletivo, e tudo era cultural e subordinado ao culto, ou uma como a sociedade liberal, que salienta o indivíduo até chegar a estimular um narcisismo hedônico e um relativismo no qual não existe verdade objetiva, mas meramente subjetiva.

Em nossa visão, o **problema fundamental** reside em definir os limites e a relação entre o individual e o social e, mais profundamente, entre poder e amor. Logicamente, no homem, existe uma luta, em certos aspectos, entre o **ego reptílico** e o **ego espiritual**. No plano social, manifestam-se como vontade de poder ou vontade de sentido (de amor). A vontade de poder procura somente um valor subjetivo, um valor para mim; a vontade de sentido observa um valor objetivo, um valor em si. A vontade de poder transforma as pessoas em egoístas; a vontade de sentido (o amor) permite perceber os valores e o outro espiritual. A vontade de poder procura a propriedade absoluta e o prestígio, para satisfazer o ego.

São os 3 “P” (propriedade, prestígio, poder) que levam ao prazer que sucede quando se elimina o sentido de uma atividade. É algo patológico, porque ao homem não satisfaz o mero prazer: sempre pretende um sentido. O prazer se esgota em si mesmo, é somente algo indiferente e sempre igual. Contrariamente, o ego espiritual, que é o mais profundo, é real no ser humano, e procura transcender pelo amor, a arte, o Tu de outra pessoa, até o de Deus.

Frankl, genialmente, recomenda, àqueles que desejam fazer profissão de poder na política, a frase de Ruskin: “Existe somente um poder, o poder de salvar; existe somente uma honra, a honra de ajudar”¹. **Jesus empregou a sua vontade de poder para salvar.**

¹ FRANKL V. “*Homo Patiens*” Plantin, Bs. Aires, 1955.



A presença da informação e a emergência do eu espiritual, no curso da evolução, e sua orientação e convergência para **um fator de atração final** (em meu entender o Reino, o ponto ômega de Teilhard), explica porque Ele está no centro da história e, mais ainda, é um futuro que já tem efeito sobre o presente. Isto encontra suporte inclusive na teoria quântica. Cramer, em 2009², apresentou uma interpretação da teoria quântica usando uma transação não local executada através de um intercâmbio de ondas retardadas (que se movem para o futuro) e o das avançadas (que se movem para o passado). Vannini e Di Corpo (2011)³ observam que as ondas avançadas significam uma lei oposta à da entropia, porque conduzem à ordem, à organização e à complexidade. Elas são o fundamento dos **atratores** (“fatores de atração”) e estão situadas no futuro da evolução dos sistemas complexos.

A ciência cada dia reconhece mais a convergência que foi observada por Teilhard de Chardin. Simon Conrad Morris, um reconhecido evolucionista inglês, escreveu um livro com o objetivo de demonstrar que, considerando as restrições existentes na evolução e a **ubiquidade da convergência**, que faz a emergência de seres como nós algo quase inevitável, de fato demonstra que, em essência, os fatos mais significativos da evolução são coerentes com a Criação. E ainda escreve: “Assim, em algum ponto e de algum modo, dado que a evolução tem produzido espécies com um sentido de propósito, é razoável considerar as demandas da teologia seriamente”⁴. Teilhard observou, igualmente, uma tendência à socialização. Socialização que não é coletivismo, porque não somos formigas. É uma união verdadeira que não confunde, mas diferencia. Num universo convergente, cada elemento encontra sua perfeição não em si mesmo, mas incorporando-se em um polo superior de consciência. **Assim, a socialização significa a era da pessoa.**

O Reino de Deus pleno, total, é o reino que vai chegar em algum momento. Ele está próximo, tanto no espaço como no tempo. Distância entre a realidade e o transcendente praticamente não existe, porque o transcendente está de forma imanente na realidade, não é completamente difícil de sentir o transcendente pela meditação, a oração individual e o

² CRAMER J. G. “*Proceeding of the NASA breakthrough propulsion physics workshop*” p.12-14, 2009.

³ VANNINI A.; DI CORPO U. *J. of Cosmology*, 2011.

⁴ S. C. MORIS “*Life’s Solution. Inevitable Humans in a Lonely Universe*” Cambridge Univ. Press, USA, 2003.



culto social. A respeito do tempo, nós estamos pedindo a Deus, no Pai Nosso, que “*venha o seu Reino...*”. A propósito, devemos lembrar que Deus é o Senhor do tempo, e assim, para Ele, “mil anos são como um dia, e um dia pode equivaler a mil anos” (2Pd 3,8). Por isso, a proximidade deve ser permanentemente observada, como aliás Jesus recomendou.

O importante é que o Reino pleno de Deus é igualmente uma utopia. O ser humano é um ser imaginativo, com desejos, o único capaz de pensar a vida para além de sua existência. O ser humano precisa da utopia, porque ela expressa a sua afirmação. A desapareição da utopia ocasiona um estado de coisas estático e o homem se transforma em coisa. Assim o homem seria mero produto de impulsos, perderia o desejo de plasmar a historia e, com isso, a capacidade de compreendê-la. Por isso, Teilhard afirma que, para o cristão, o êxito biológico não é somente uma probabilidade, mas uma certeza, porque Cristo (e com Ele o mundo) já ressuscitou. Esta certeza procede de um ato de fé, que deixa a pessoa com todos os anelos da condição humana. **Este fato está, portanto, ligado à nossa fé.** Fé na promessa de Deus, de um Reino de felicidade que não terá fim. O cristão de hoje conserva essa fé? Isto deveria ser meditado, quando se pensa em “**nova evangelização**”.

2 O Cristianismo na história: o futuro do cristianismo

Aceitando o conceito de Mannheim, ao distinguir ideologia de utopia (**ideologia** como uma construção conservadora de um sistema social especialmente pelos que desejam conservar o poder; **utopia** como o desejo de todo ser humano oprimido, por diversos fatores, que deseja uma mudança de estruturas sociais), vemos na história do povo de Israel a permanente utopia de um reino que não terá fim.

Existiu uma utopia do cristianismo no **modelo fracassado dos primeiros Cristãos**. Talvez por isso, o Imperador Constantino estabeleceu uma sociedade onde a religião estava intimamente ligada ao Estado e por isso era obrigatória para os súditos. Formulou-se então uma ideologia sacralizadora do poder, e as relações sociais foram naturalizadas e sobrenaturalizadas para conservar a ordem social existente na época.

Devemos observar, no entanto, que o Cristianismo naquele momento conseguiu responder a dois movimentos com alcance cultural e



político, como indica Libânio⁵. Diante da tendência filosófico racionalista, mostrou enorme capacidade de assimilar a cultura grega clássica em sua teologia. Diante das miríades de expressões religiosas populares, sincréticas, opôs certa flexibilidade, sem perder consistência e identidade. Sirva como exemplo a festa do Natal.

O Cristianismo do Império provocou o distanciamento crescente entre clero e povo simples. No século XI deu-se a virada para o clericalismo. O clero e o Papa se arrogaram um poder superior. Bonifácio VIII, no fim do séc. XIII, afirmou que toda autoridade vem de Cristo e dele mesmo como vigário de Jesus Cristo. Bonifácio VIII morreu aprisionado, mas sua ideologia resistiu durante séculos. O ego reptílico dominando o espiritual.

Libanio expressa claramente o problema: “A intenção do Cristianismo não tinha os interesses rasteiros de políticas de Estado. O Sonho era transformar a terra no Reino de Deus. Ideal maravilhoso. Mas **errou, imaginando que o realizaria pela via do ‘poder’**. Poder que foi a tentação à qual Jesus resistiu constantemente”.

No século X, aproximadamente, houve alguns desequilíbrios sociais que se expressavam, inclusive, em termos religiosos. No período medieval, houve grande mobilização dos pobres que criticavam a vida da Igreja institucional pela sua riqueza, decadência moral e clericalização em detrimento dos leigos. Daqui se explica, no começo do séc. XIII, a aparição das ordens dos mendicantes: franciscanos e dominicanos. As mudanças tecnológicas de formas de produção, a concentração populacional nas cidades, a imprensa etc., requeriam novas estruturas sociais. A evolução ocorre assim, existe uma série de mudanças que vão transformando as velhas estruturas em problemas para o desenvolvimento social e chegam até um ponto crítico no qual as estruturas devem ser cambiadas.

Um problema cultural importante apareceu na questão de Galileu Galilei. O mundo ptolomaico, que era uma concepção científica pré-moderna, imbricado com as Escrituras, foi questionado pelos cientistas. Grupos da Igreja se sentiram ameaçados na concepção da fé. Assim, criaram um grave problema entre ciência e fé, problema que se prolonga até o presente. Para piorar o caso, não tinham estudado algo muito importante, na minha opinião Galilei escrevia que: “A filosofia

⁵ LIBÂNIO J. B. “*Qual o futuro do Cristianismo?*” Paulus, Brasil 2006.



está escrita nesse grandioso livro que se mantém continuamente perante os nossos olhos (quero dizer, o universo), mas não se pode entendê-lo se primeiramente não se cuida de entender a língua e conhecer os caracteres em que está escrito. Está escrito em linguagem matemática, e os caracteres são triângulos, círculos, e outras figuras geométricas, sem as quais é impossível entender humanamente sequer uma palavra; sem estes meios, é dar voltas em vão num obscuro labirinto”⁶. **A matemática e a lógica, são informação fundamental constituinte da matéria, e base da ciência**⁷. Assim, a filosofia escolástica ficou desorientada e afastada da ciência, não considerando sua importância na vida, e na evolução da mente humana⁸. O cristão perdeu o movimento cultural e político do momento. Fundamentado em sua utopia, devia absorver a ciência, que se orientava para o futuro, e pensar quais são as estruturas que permitiriam uma vida mais digna para todos, sem excluídos, o que não ocorreu. **O Cristianismo se transformou em ideologia conservadora**, esquecendo a utopia. Esqueceu o ego espiritual, talvez por comodidade. Mais adiante voltaremos a isso, na história latino-americana.

No entanto, nesta análise histórica, devemos salientar **um grande êxito do catolicismo hispanoamericano**, pelo exemplo que foram os freis dominicanos, Antonio Montesinos e Bartolomeu de las Casas. **Montesinos**, no dia 21/12/1511, em sua homilia frente às mais altas autoridades da Espanha, fez a primeira defesa da vida na América latina: “Dizei-me com que direito e em virtude de que justiça, mantendes os índios numa escravidão tão cruel e horrível? Quem poderia autorizar-vos a empreender todas essas guerras detestáveis contra pessoas que vivem tranquila e pacificamente em seu país, bem como promover uma exterminação desses povos, em espantosos assassinatos e carnificinas? Como podeis oprimi-los e esgotá-los dessa maneira, sem lhes dar de comer nem tratar das moléstias a que são expostos mortalmente pelos trabalhos excessivos que exigis deles? Não me seria justo afirmar que vós os matais para extrair e acumular vosso ouro de cada dia?...”

Montesinos foi perseguido pelas autoridades, mas ele e os dominicanos estavam com uma fé firme e asseguraram que não temiam os poderes da terra frente à sua obediência ao evangelho. Frente ao ego totalmente reptílico dos conquistadores, aparece o ego espiritual em sua

⁶ G. GALILEI. “O Ensaíador”. S. Paulo, Abril Cultural, 1987.

⁷ Ver R. YUNES. J. THEOR, Biol (2005)236, 95-110.

⁸ YUNES R. A. J. THEOR. Biol. 236, 95-110, 2005.



máxima manifestação: dar a vida pelos seus irmãos. **Montesinos morreu mártir**, segundo está escrito no convento de San Esteban de Salamanca. Não foi levado aos altares, mas deveria. Quanto a Frei Bartolomeu de **las Casas**, escutou a homilia de Montesino sem compreender muito sua profundidade. Mais tarde, três anos depois, em 1514, abriria mão de suas posses (terrenos, encomendas de índios, quase escravos, com sua descendência pelo prazo de suas vidas) e se transformaria no “**procurador e protetor universal de todos os povos indígenas**”. De las Casas, possuído de um sonho – a justiça para com os índios – fez disso a razão de sua vida, para precisamente procurar o Reino de Deus e sua justiça. Assim, lutou durante 50 anos para alertar Espanha e Europa das atrocidades que se cometiam no Novo Mundo. Na prática, conseguiu duas vitórias que, sempre, considerou insuficientes: As Novas Leis promulgadas em 1542, que encerraram o sistema de “encomendas” (praticamente a escravidão dos índios) e as doutrinas jurídicas do grande reformador da teologia Francisco **de Vitória**, que demonstrou que não existia servidão natural dos índios da América. Lamentavelmente, o nome de Frei Bartolomeu de las Casas (1474-1566) e da escola de Salamanca continuam quase desconhecidos no Brasil⁹.

Frente à doutrina dominante que identifica **3 modelos históricos** dos direitos humanos (inglês, francês e colônias inglesas nos EUA), modelos de individualismo possessivo e belicista, devemos colocar o modelo das leis de Índias das colônias espanholas dos séculos XVI e XVII. A escola de Salamanca com Francisco de Vitoria levou a enunciados que veremos consagrados na Declaração Universal de 1948 pela ONU. A obra *De Regia Potestate* de las Casas é precursora do direito dos povos e até da verdadeira Teologia da Libertação.

No entanto, o mais notável fato do cristianismo na América latina foram as **reduções jesuíticas do séc. XVII**: aldeamentos indígenas organizados e administrados pelos padres jesuítas. Sua concepção era fazer uma sociedade diferente, inspirada no Evangelho, mas adequada para sua época. Assim, conseguiram realizar uma das mais significativas utopias do cristianismo. Eram autossuficientes e sua estrutura econômica e cultural funcionava em um regime comunitário. No século XVIII, com mentiras, como a de que os jesuítas queriam formar um império, setores do catolicismo, que consideravam os índios uma raça inferior, e os po-

⁹ Frei Bartolomé DE LAS CASAS: “*O Paraíso Destruido. A sangrenta história da conquista da América Espanhola*”. L&PM Ed., Brasil, 2008.



derosos de todos os tempos, conseguiram destruir toda essa admirável obra de cristãos comprometidos com o Reino de Deus.

O poder e o dinheiro, que funcionam juntos, dominaram o amor. O ego reptílico não permitiu a realização plena do ego espiritual do ser humano. As pequenas vitórias de las Casas permitiu que na Argentina, o país mais europeu da América latina, mesmo depois do genocídio de índios no século XIX, 56% da população possuía DNA mitocondrial ameríndio, comprovado por um estudo genético de 2004, sobre a linhagem materna (mitocondrial). Isto permitiu também que um índio seja atualmente presidente da Bolívia: Evo Morales. No entanto, aqui aparecem os problemas atuais. Este presidente declara recentemente “Eu sou católico, mas estou decepcionado com a Igreja católica. Pois, faz pouco tempo, a Igreja na Bolívia abençoou o motim policial”. No Paraguai, a Igreja foi a primeira a reconhecer o governo golpista de Franco. Devemos lembrar que quase todos os países latino-americanos não aprovaram o governo de Franco. O presidente Morales declara também: “Quando o povo está encurralado pelo Estado colonial, a Igreja Católica não aparece. Mas quando o povo encurrala o Estado colonial, o padre aparece, rezando pelos dirigentes. Eu vivi isso como dirigente sindical”.

Como observamos, existem diferenças enormes de posição de cristãos e de hierarquias frente à realidade atual latino-americana. Isto cria desorientação, angústia. Acredito que é devido ao fato de muitos, talvez a maioria, **terem esquecido**: i) de anunciar, como Jesus, o Reino de Deus; ii) de refletir, de meditar, sobre como deve ser o Reino aqui e agora.

a) O Reino: uma visão teleológica necessária

O reino de Deus foi o sonho, a utopia, o horizonte de Jesus. Sonho de que “outro mundo era possível”, aqui e agora, **e esperou seu sonho, e esperando o fez simbolicamente real**. Esta é a verdadeira esperança! Ele sabia que esse horizonte não seria alcançado totalmente aqui, mas sim ao final, na ressurreição.

O Reino é a boa notícia, a bem-aventurança (felicidade). Jesus não formulou um código de conduta, proclamou as bem-aventuranças. Essa proposta simplifica o tratamento dos problemas bioéticos da atualidade. Consideremos o aborto, por exemplo. Como se poderia justificar com vistas à construção do Reino o aborto, quando toda mulher feliz deseja ter filhos! O aborto é produto de uma sociedade que não pode



garantir trabalho, moradia, alimentação, ou seja, os direitos humanos básicos.

Não podemos ocultar que o aborto é uma realidade diária. Negar isto seria esquecer uma desigualdade estrutural que mata as mulheres, especialmente as mais pobres, ante o tranquilo olhar de setores dogmáticos e conservadores da sociedade que usam o slogan “defesa da vida”, de forma hipócrita. **Dom Demétrio Valentim**, bispo de Jales e presidente de Cáritas brasileira, criticou a atitude da Presidência da Regional Sul 1 da CNBB em assinar material contra uma candidata: “Nunca relacionam o aborto com as políticas sociais que precisam ser empreendidas em favor da vida. Votam, sem constrangimento, no sistema que produz a morte, e se declaram em favor da vida”.

Aqui observamos claramente a posição deontológica, em certo sentido moralista, de alguns setores religiosos, que não consideram o mais importante: **o fim último que se persegue, ou seja, o teleológico, que é o Reino de Deus**. Isto não significa um teleologismo.

Inclusive há um grave erro na consideração da lei natural que é reduzida a um naturalismo ou biologicismo. A natureza é interpretada como algo fixo, estático, determinista. No entanto, para Santo Tomás, **a lei se diz natural** não meramente em referência à natureza física, não prescinde dela, mas em referência à liberdade e espiritualidade do homem e à plena realização de sua existência. A plena realização significa igualmente a plena felicidade que está na proposta das bem-aventuranças (felicidades), a construção do Reino neste mundo.

A natureza humana deve considerar a razão, a liberdade, a cultura, a história do ser humano, porque ela não é uma essência abstrata. Ela é racional, interpessoal, livre e histórica. Não é que a razão descubra as normas na natureza, mas ela descobre a si mesma como parte integrante de uma natureza complexa que se desenvolve livre e temporalmente. Assim, **a lei natural é aquilo que nos indica o caminho a seguir para atingir um determinado fim**. O fim que se procura é fundamental. Jesus abriu uma esperança que foi um perigo para Ele, mas era uma esperança ativa com a qual podemos mudar a atual realidade. O abandono da luta cultural, especialmente no plano científico, mas igualmente no econômico e social, pelo conceito de pessoa, levou a um avanço da razão técnico-instrumental que retira ao mundo objetivo toda **racionalidade teleológica**. Isto agora aparece claro na luta pelos problemas bioéticos, onde muitos cristãos



ainda não compreendem que a lei natural não depende somente do passado, mas talvez, fundamentalmente do futuro (teleologia).

Neste sentido, gostaria de mostrar o erro grave, do ponto de vista científico, em meu conceito, de um grande teólogo: **Andrés Torres Queiruga**. Este escreveu um livro intitulado “*Repensar a Ressurreição*”¹⁰, no qual, fundamentado em paradigmas originados entre os séculos XVII e XIX, atualmente obsoletos, nega a “real” ressurreição de Jesus. Neste sentido, recomendaria a leitura do livro de um reconhecido cientista, Frank J. Tipler: *The Physics of Christianity*¹¹, no qual ele sugere uma interpretação científica da ressurreição “real” do corpo de Jesus. Existem varias outras interpretações científicas.

Queiruga, recentemente, sugere outra ideia errada sobre ciência, na linha de pensamento deste trabalho. Segundo ele, considerando o artigo que publicou em *Religion Digital*¹², a ciência e a religião têm seus próprios âmbitos, sem nenhuma relação. Então, a Verdade, que é fundamental e comum à ciência e religião, desapareceria ou ficaria em segundo plano. O correto, porém, é pensar que a ciência, quando trabalha com amor a verdade, deve chegar, em algum momento, a encontrá-la, porque Deus possibilitou a emergência de nossa realidade espiritual com a capacidade de conhecer a verdade, a realidade fundamental de nossa existência.

As principais potências tecnológicas consideram a economia como uma guerra, e assim conseguiram dominar os mercados criando desigualdades cruéis, contrárias ao Reino, entre os países, e voltaram a impor um sistema de sofrimento aos diferentes povos do mundo. Leia-se o artigo do Laureado jornalista Nick Turse sobre Vietnam, Iraque e Afeganistão¹³: **Inteligente mecanismo de domínio**: “não à luta de classes, mas sim a luta econômica”... Na luta econômica, o mercado livre favorece aos poderosos. Assim transformaram o homem em um consumista, estimulando o ego reptílico pelo marketing : sexo impessoal, comodidade, poder, beleza física, prestígio etc. O ego espiritual foi reprimido.

Outro problema bioético complexo, é o que corresponde ao “matrimônio” entre homossexuais. Este tema deve ser considerado com cuidado. Preliminarmente podemos observar que logicamente deve

¹⁰ Paulinas, Brasil 2004.

¹¹ Doubleday USA 2007.

¹² Página digital 10/01/2013.

¹³ Tom Dispatch.com 14-01-2012.



existir uma correspondência entre o biológico, o psíquico e o espiritual, que claramente não existe nas pessoas com tendências homossexuais. Aqui aparece um problema basicamente científico.

A Igreja da Alemanha deu, recentemente, um exemplo ao convocar peritos universitários para estudar o problema dos abusos sexuais de sacerdotes e docentes católicos. No entanto, agora, depois de censurar a pesquisa, retirou a mesma porque a confiança no Instituto chegou a seu fim pela conduta comunicativa de seu diretor Christian Pfeiffer, um consagrado pesquisador nessa área¹⁴ E a verdade? A pergunta é: por que não exigir destinar mais verbas para pesquisas e solução destas problemáticas, e não em armas de guerra? O comércio de armas não para de crescer.¹⁵ Entre 2007 e 2011, houve um incremento de 24% em relação ao quinquênio anterior. Este é o caminho teleológico: inovar em temas controversos, com a esperança de que a verdade obtida por meio da ciência chegue a definir essa realidade. **Não confiamos totalmente na verdade?** A solução deontológica é discutir empregando argumentos da moralidade sem considerar as causas do problema. O mundo e a sociedade estão em evolução: existem muitas perguntas sem respostas cientificamente claras: qual a causa da homossexualidade? Por que aumenta a infertilidade dos homens? Evidentemente, devem existir fatores do ambiente, físico e cultural, que estão participando.

Jesus, quando respondeu à pergunta de Pilatos: “Então tu és rei?”, assim falou: “*É o que dizes. Eu sou rei: para isso nasci, e para isso vim ao mundo, para testemunhar a verdade. Quem está a favor da verdade escuta minha voz*”¹⁶. Se os cientistas estão a favor da verdade, hão de encontrá-la. Quem não está a favor está contra: não vale a neutralidade. Os cristãos, devemos exigir a pesquisa e a obtenção da verdade em todos estes problemas modernos da bioética, para construir o Reino e não somente pensar numa “lei natural”, como coisa do passado, sem ver o FUTURO.

b) O Reino na atualidade

Retomando a história geral do cristianismo, observamos que já no século XIX aparece o liberalismo num mundo no qual nada permanecia sagrado, salvo a liberdade para levar a vida de acordo com as próprias

¹⁴ Pág. 12, 10/01/2013.

¹⁵ Revista Mundo e Missão 02/2012.

¹⁶ João 18,37.



luzes individuais. A utopia liberal postula uma sociedade sem Estado, onde as corporações governam o mercado que é o que lhes possibilita a “felicidade”. Com a combinação do interesse egoísta de cada indivíduo com o livre intercâmbio, no mercado, o sistema social fica automaticamente regulado. Não precisa obedecer governo, nem Deus, o mercado define tudo...

O marxismo, que emerge como contraposição ao liberalismo, igualmente apresenta sua utopia do comunismo, como fase final do socialismo, que é uma sociedade sem classes, sem Estado e livre de opressão. As decisões, sobre o que produzir, são consideradas “democraticamente”, permitindo assim que todo membro possa participar do processo decisório. O anarquismo marxista professa a utopia de que a liberdade e a ordem são originadas espontaneamente.

Evidentemente, devemos reconsiderar **a esperança no Reino, na realidade terrena**. Transportar simplesmente a esperança para um futuro, além da vida terrena, é um processo alienante e descomprometido com as realidades humanas. É claro que a plena realização dessa utopia vai chegar somente com o reinado de Jesus, mas podemos legitimamente propor soluções acordes com o Reino e denunciar o antirreino como o fez Jesus¹⁷.

Certamente não se trata de um processo privado, individual, de renúncia aos pecados, mas **um processo social contra as estruturas sociais do pecado**: mudar uma estrutura por outra não opressiva, e ganhar uma medida de libertação econômica, política e espiritual. Sabemos que não seremos completamente libertados nesta história, mas é através da morte de cada estrutura histórica opressiva que o Reino de Deus avança.

Um breve movimento de atualização da Igreja foi o último Concílio, que definiu fundamentalmente: 1) a Igreja é o “povo de Deus”, e bispos e padres são somente servidores desse povo; 2) a Igreja assume todo o humano como próprio, nada lhe sendo alheio. Assim, as grandes tarefas da humanidade – justiça, paz, direitos humanos (liberdade, igualdade e fraternidade), democracia, política, ecologia, ciência e cultura – **tudo é igualmente tarefa da Igreja**, porque pertence ao projeto de Deus criador.

¹⁷ Mt, cap. 23.



Infelizmente, o concílio foi esquecido, colocado em gavetas. A Igreja não está centrada nos leigos e, como Paulo VI reconhecia, não existe uma evangelização da cultura. Existe, porém, como observamos na introdução, uma convergência humana. Essa convergência é estimulada por um poderoso fator de atração, o “Reino de Deus”, que não se pode engavetar. O ego espiritual sempre emerge, ainda quando não se espera. É o grão de mostarda, é o fermento.

Paulo VI, guiado pela teleologia, na *Evangelii Nuntiandi* escreve: “O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam, por certo, com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. No entanto, o Reino que o Evangelho anuncia, é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização, independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas”. **“A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama de nossa época**, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não acontecerá, se a Boa Nova não for proclamada”.

Esta, por sua vez, encontra-se claramente em Lucas 4,18-19: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que eu dê a boa notícia aos pobres...para anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor*”. **A Boa Nova é a verdadeira libertação de toda alienação.**

Alguns autores consideram que o abandono do cristianismo pelos europeus é produto do caráter dualista do anúncio do Evangelho, distinguindo por uma parte a vivência personalista da Fé e, por outra parte, sem relação com esta vivência, a sua participação nos problemas socioeconômicos. Agora, este conceito foi transportado para a América Latina. No entanto, algumas entidades da Igreja demonstram que o que acontece na sociedade não pode ficar à margem da Fé dos cristãos. É agora indispensável uma conversão política do coração burguês que temos, boa parte dos cristãos. A verdadeira conversão se realiza no contexto global da vida social. O Papa **Bento XVI**, em 12/01/2012, ao falar da crise



global, explicou que ela somente poderá ser vencida com a consciência de que **“o destino de cada um está ligado ao de todos”**.

Para surpresa de muitos, Bento XVI afirmara na audiência geral de 26/09/2007 que a Igreja primitiva, onde se dividia tudo fraternalmente entre todos, representa um modelo (utopia) para a sociedade. Falou isso lembrando a responsabilidade do capitalismo a respeito da injustiça e da devastação ambiental. O Papa lembrou São João Crisóstomo, que apresentou uma “utopia social”, procurando dar um rosto cristão à cidade. **Não é suficiente dar esmolas**, ajudar os pobres, caso por caso, mas criar estruturas novas, com um novo modelo de sociedade baseado no Novo Testamento.

Faz muitos anos que não escuto isto de algum cristão letrado, iletrado, erudito em teologia ou não. No entanto, tive a satisfação de ler uma notável **homilia de Mons. Romero, no Natal de 1979**, seu último Natal, no qual ele afirmou: 1) com o nascimento de Cristo, o Reino de Deus já está no tempo dos homens; 2) esse Reino está sendo construído por Jesus; 3) Ele deseja nossa participação nessa construção. Assim, indica claramente que **“À Igreja, como o Reino de Deus, corresponde criticar, conscientizar, analisar, denunciando que nos reinos da terra ainda falta justiça, falta paz, falta eficiência... e somente quando o verdadeiro Rei anunciado por Deus, o Cristo, for o Rei de todos os corações, só então existirá o Reino de Deus”**.

Há momentos históricos nos quais, considerando o indicado por Jesus sobre o Reino de Deus, são necessários muitos grãos de mostarda. Teresa de Jesus, da Espanha colonizadora, era um grão de mostarda: viu como a cobiça fazia estragos humanos na América, como as leis de 1542 de Carlos V não conseguiram diminuir os danos contra os índios... Teresa condenou essas práticas e estimulou uma vida mais sóbria e solidária para todos. Sabia que o dinheiro corrompe e dedicou-se a criar pequenas comunidades de uma forma de viver diferente, estimulando uma cultura de vida compartilhada. Assim, podemos considerar grãos de mostarda pessoas de grande santidade como Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Vicente de Paulo etc., que, ante o que corrompe neste mundo, mostraram com suas vidas a necessidade de sempre ir ao Evangelho e beber nas fontes, para serem verdadeiros discípulos de Jesus e construírem uma Igreja e um mundo melhor. Esses grãos de mostarda, como exemplos, tiveram uma influência enorme no cristianismo e no mundo, na construção do Reino de Deus.



Vejam a comparação com o fermento. Atualmente é um produto que está em um envelope e que se coloca na massa de farinha, com o resultado de fazer crescer a massa. Na época de Jesus, era uma porção de massa que se deixava apodrecer, era algo corrupto, que se colocava na massa pura para que fermentasse. Podemos pensar que, quando o grau de miséria, de corrupção, de alienação do ser humano cresce, o que ainda não está contaminado reage. **O eu espiritual, solidário, não pode aceitar a falta de justiça, de verdade, de liberdade real, de fraternidade**, e então surgem os movimentos que mudam os sistemas sociais.

c) A atitude dos cristãos

Neste momento, qualquer pessoa honesta deve reconhecer que o mundo é um imenso oceano de sofrimento, de crueldade e de maldade. Cada dia morrem de fome 200 mil pessoas, milhões de crianças trabalham como escravas, rios de sangue correm na África pelos diamantes e agora pelo coltán¹⁸, existe exploração do trabalho sexual de mulheres, trafico com órgãos, o narcotráfico continua a ser um poderoso mecanismo de riquezas etc. Mas Deus está nas vítimas e, por isso, estava certo o profeta cristão, que foi **Emanuel Mounier**, ao afirmar: “No futuro os homens não se dividirão em crentes ou não crentes, mas pela atitude que assumam ante as vítimas da terra”.

Não devemos esquecer que Deus usa inclusive os erros humanos e até nossos pecados para fazer emergir das trevas uma luz sobre o futuro: a libertação plena das pessoas. Inclusive podemos observar que **escolheu Simão de Cirene**, e não algum de seus discípulos, para carregar a cruz de se Filho. Será que muitos Simões não estão atualmente carregando a cruz em lugar dos cristãos em alguns países? E os cristãos perseguidos no Meio Oriente, não o serão por causa da nossa omissão nos problemas do mundo atual? Onde ficou a solidariedade do nosso ego espiritual?

É ainda **Pagola** que define o que devemos fazer. Ele explica que a religião Cristã não é uma a mais, ela é uma religião profética, impulsionada por Jesus para promover um mundo mais humano, orientado para sua salvação definitiva em Deus. Por isso, preocupados por restaurar o “religioso” frente à secularização moderna, corremos **o risco de caminhar sem o espírito profético**. Assim, Jesus se distanciará de nós e irá

¹⁸ Fundamental para a indústria de aparelhos eletrônicos, centrais atômicas e especialmente telefones celulares.



para longe, seguindo o seu caminho. Nada vai impedi-lo de seguir sua tarefa libertadora. Outros, de fora, reconhecerão sua força profética e acolherão sua função salvadora¹⁹.

O Papa **Francisco**, em 07/06/2013, na Sala Paulo VI, explicou que **envolver-se na política é uma obrigação para os cristãos**. Nós não podemos, como Pilatos, simplesmente lavar as mãos. Isso, porque a política é uma das formas mais altas da caridade. Inclusive no encontro com o CLAR, em 10/06/2013, afirmou “Não tenham medo de denunciar. Vocês sofrerão, terão problemas, mas não tenham medo de denunciar: esta é a profecia da vida religiosa!”

Quanto aos “poderes que controlam o mundo”, temos impressionante estudo científico²⁰: sobre uma base de 37 milhões de empresas e investidores do mundo todo, identificaram-se 43.060 empresas transnacionais e traçaram-se as conexões de controle acionário entre elas. Refinando ainda o modelo, encontrou-se um núcleo central de 1318 grandes empresas com 20 conexões com outras, o que nos leva a observar uma “superentidade” de 147 empresas (a maioria bancos) que controlam 40% da riqueza total do núcleo de 1318. Na verdade, diz um deles, “menos de 1% das companhias controla 40% da rede inteira”²¹. *Isto está demonstrando claramente **um poder global que domina a maior parte das empresas***, especialmente da imprensa mundial, e está construindo através da mesma um mundo virtual onde o homem é um elemento secundário e o que interessa fundamentalmente é o lucro, o dinheiro. Isto é, um claro predomínio do ego reptílico.

Mais ainda, a **Intermón Oxfam**, uma organização não governamental, informa que os 240 mil milhões de dólares que, durante 2012, ganharam os 100 mais ricos do mundo, equivalem a 4 vezes a quantidade necessária para terminar com a pobreza no planeta. Igualmente o 1% do mundo aumentou seus lucros em 60% nos últimos 20 anos²². É uma necessidade, é uma obrigação, ter uma visão geral da situação mundial para poder analisar com propriedade o que acontece em nosso país ou em qualquer país. Jesus conhecia perfeitamente o que significava a dominação Romana sobre Israel.

¹⁹ [Http://blogs.periodismadigital.com/buenas-noticias.php?cat=11398](http://blogs.periodismadigital.com/buenas-noticias.php?cat=11398).

²⁰ New Scientist 22/10/2011.

²¹ *The network of global corporate control*, S. Vitali, J.B. Glattfelder, S. Battiston arXiv 19/09/2011.

²² El Universal, México, 22/01/2013.



Ninguém está livre de ser manipulado pelo consumismo da atualidade imediata. “Por isso, o cristão tem a **obrigação moral de se informar** com precisão em fontes confiáveis, e não deixar-se dominar pela precipitação caótica na qual estamos colocados”²³.

O Papa **Bento XVI** falou, em 16/02/2012, da dependência das opiniões no mundo, e da **ditadura dos meios de comunicação e das finanças**. Denunciou que o que é propalado se transforma em mais importante que a realidade, e que o ter e o parecer dominam o mundo. E alertou para não ceder e para livrar-nos dessas ditaduras²⁴.

Teilhard, por sua vez, escreveu: “Quaisquer que sejam os méritos das outras religiões, e explique-se isso como se quiser, é incontestável que o mais ardente foco de amor jamais aparecido até agora no Mundo brilha aqui e agora no coração da Igreja de Cristo”. [...] – Afinal de contas, o que constitui a imbatível superioridade do Cristianismo sobre todas as outras espécies de Fé é estar ele cada vez mais conscientemente identificado com uma Cristogênese, isto é, com a ascensão percebida de uma certa Presença universal, simultaneamente imortalizante e unitiva”²⁵.

O já mencionado filósofo e profeta cristão Emanuel **Mounier**²², escreveu: “O sentido cósmico ficou escandalosamente atrofiado no pensamento cristão, que, contudo, se separa do idealismo por não ser apenas o pensamento de um pensamento, mas o pensamento de um mundo real orientado para a Glória de Deus e o destino do homem”²⁶. O mundo foi abandonado pelo homem moderno, aceitando ser considerado somente coisa, espaço e movimento, sendo o homem apenas espectador indiferente dos danos ecológicos e da cobiça incontrolada dos recursos naturais.

Em minha opinião, *o Cristão não pode ser um conservador*. Conservar o quê, num mundo em evolução, onde tudo muda permanentemente? Conservar o sistema medieval frente ao Renascimento? Conservar o moralismo do século XIX frente às mudanças do século XX? Nesse sentido, foi conservador o cristianismo, que perdeu sua utopia transcendente e por isso mesmo imanente. Será por isso que **não pregamos o Reino de Deus?**

²³ Carmen Bellver, novelista, poeta, em *Religión Digital*, 13/01/2013.

²⁴ perioditadigital.com/religion/vaticano/2012/02/23/el-papa-inst...

²⁵ “*O Coração da Matéria*” 1955 *op. cit.*

²⁶ E. MOUNIER, “*O Personalismo*” Ed. Textografia, 7. Ed. Lisboa, 2007.



Não compreendo como pode haver cristãos que apoiam o capitalismo neoliberal quando Jesus indicou claramente, em Mt 7, 15-16: “*Guardai-vos dos falsos profetas, que se aproximam de vós disfarçados de ovelhas e por dentro são lobos ferozes. Por seus frutos os conhecereis. Colhem-se uvas das sarças ou figos dos cardos?*” Conhecemos com evidências concretas os frutos do capitalismo neoliberal: mais pobreza, mais miséria, mais injustiça social, mais destruição do ser humano, da dignidade humana.

O escritor protestante Richard **Stearns**, em seu livro “Unfinished”²⁷, indica que existem duas classes de assim denominados cristãos: os “discípulos”, que imitam a vida do Senhor, acolhem a missão e os propósitos do Mestre – construir o Reino de Deus – e os “deciders”, que seguem seus próprios planos para suas vidas e convidam Jesus a abençoá-los. Aqui Stearns lembra Mt 7,21: “*Nem todo aquele que me disser: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que cumprir a vontade de meu Pai que está no céu*”.

Convergente com a linha atual do magistério católico, Stearns escreve que o cristianismo perdeu **sua força revolucionária** que o levou a superar o Império Romano, mas que há de recuperá-la, para mudar o mundo. Francisco, nosso Papa, afirma que devemos ser cristãos comprometidos, consistentes e **revolucionários**. “Um cristão, se não é um revolucionário neste tempo, não é cristão” sustenta.

Pregar o Reino de Deus significa, como **João Paulo II**, corajosamente, definir as guerras atuais como imorais. Pregar o Reino de Deus significa dizer que, frente a um novo modelo social, são os pobres que devem ser os primeiros. Todas as situações de pobreza são injustas. Significa pensar como deve ser o Reino de Deus na política, na justiça, na universidade, na TV, na imprensa, etc., procurando sempre a felicidade de todos sem excluídos.

Como os letrados e fariseus, que não deixavam entrar no Reino, há **alguns hierarcas da Igreja atual** que também não deixam, como escrevem os “Cristãos para o Terceiro Milênio”, da Argentina: “Preocupam-nos nossos filhos e netos que, educados na fé, se afastam da Igreja institucional que consideram uma estrutura mais de poder estabelecido,

²⁷ [Http://marylousreviews.blogspot.com.br/2013/05/unfinished-richard-stearns-nelson-books](http://marylousreviews.blogspot.com.br/2013/05/unfinished-richard-stearns-nelson-books).



que eles não aceitam por representar interesses contraditórios com os valores do Evangelho²⁸.

Vemos no mundo atual milhões de pessoas, que demonstram ansiedade pela construção de um mundo melhor (“*occupy Wall Street*” nos USA, os vários focos da “primavera árabe”, os inconformados na Turquia, Espanha, Grécia e, em junho-julho, no Brasil, etc.). Esta é uma convergência significativa como as demonstradas na introdução do presente texto. Desta forma, os cristãos no mundo atual devemos estar abertos ao diálogo para abordar os problemas do mundo com um enfoque preferentemente “teleológico” e não “deontológico”. Significativos aportes são os documentos de Paulo VI “*Octogesima Adveniens*” (1971) e *Evangelii nuntiandi* (1975).

Foi clara a mensagem de Maio de 1968, na França: “**É proibido proibir**”. Esse movimento tinha um conteúdo espiritual interessante, que não foi visualizado.

Como escreve o teólogo **Pagola**²⁹, são **muitos os medos** que nos paralisam, aos cristãos. Medo do mundo moderno e da secularização. Medo de um futuro incerto. Medo de nossa fragilidade. Medo de nossa conversão ao Evangelho. O medo nos faz dano. Impede-nos de caminhar para o futuro com esperança. Fecha-nos na conservação estéril do passado. É urgente construir a Igreja da confiança. A força de Deus não se manifesta através de uma Igreja poderosa, mas de uma Igreja crente e humilde”.

Como o cristianismo abandonou conceitos tão claros, expostos por Santo Agostinho: “**O único critério de salvação é a atitude para com o pobre**”³⁰; “Amando os outros, os irmãos pobres, os olhos se limpam para ver a Deus”³¹; “O caminho do céu é o pobre. Por ele chegarás ao Pai. Começa a partilhar, se não quiseres errar o caminho”³². O Papa Francisco, no dia 10/06/2013, numa conversa com a Diretoria da Confederação Latinoamericana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR), falou: “**O Evangelho não é a regra antiga, nem tampouco este panteísmo. Basta olharem para as periferias: os indigentes...**

²⁸ Página 12 (Argentina,) 11/12/2012.

²⁹ Religião Digital, 12/12/2011.

³⁰ Sermões 389,5.

³¹ *Tratados sobre o evangelho de são João* 17,8.

³² Sermões 300,7.



os drogados! O modo de tratar as pessoas.. Esse é o Evangelho. Os pobres são o Evangelho”.

Pagola é notavelmente claro na apresentação de um de seus livros³³: “Infelizmente o cristianismo como é vivido hoje por muitos, não suscita ‘seguidores’ de Jesus, mas só ‘adeptos de uma religião’. Não gera discípulos que, identificados com o seu projeto, se dispõem a abrir caminhos ao Reino de Deus, mas membros de uma instituição que cumprem de modo melhor ou pior suas obrigações religiosas”. E acrescenta: “Não recebi a vocação de evangelizador para condenar, mas para libertar. Não me sinto chamado por Jesus para julgar o mundo, mas para despertar esperança”.

Ao criar Deus um mundo finito, apareceu o espaço de domínio, de poder. O ego reptílico é o exemplo mais evidente de um espaço de domínio, de poder. No entanto, a vontade de poder está em oposição à vontade de amor, que é Deus. O Dinheiro está ligado intimamente ao poder. **Existe somente um poder legítimo: o poder de salvar.** Por isso, a contraposição máxima está expressada na Cruz: Cristo = amor, cruz = símbolo do poder. O amor de Cristo é o poder de nossa salvação e da construção do Reino de Deus.

Finalmente, alguns conceitos que devem ficar claramente definidos para evitar confusão:

1. **Jesus não foi um reformador social**, nem um filósofo, mas sua doutrina tem influenciado como nenhuma outra a história humana;
2. Nos 20 séculos de sua história, a doutrina de Jesus tem sido objeto de múltiplas interpretações e igualmente de adulterações. As interpretações dependiam do contexto no qual eram realizadas. Toda interpretação é limitada, porque o universo contextual em que o texto foi originado é distante temporal, espacial e psicologicamente do contexto do intérprete. Considerar que os textos possuem um valor universal e intemporal, sem limitantes, é uma pretensão ilógica;
3. Jesus, sem ser um reformador social, indicou **um caminho de vida de prática do bem**, luta contra a injustiça e de compaixão pelos fracos e marginalizados, que leva implícita uma

³³ J. A. PAGOLA “O Caminho Aberto por Jesus” Vozes, Brasil 2013.



- força reformadora. Por isto, como pensava Simone Weil, para conhecer a Verdade do mundo em que vivemos, devemos entrar pela porta dos menos favorecidos, dos oprimidos, dos fracos;
4. Devemos estabelecer claramente que **nenhuma ação é despolitizada**. Toda interpretação da realidade e ação leva consigo a intenção e ideologia do grupo ou pessoa que interpreta ou atua;
 5. A prática efetiva da doutrina de Jesus levaria ao advento do **Reino de Deus na terra** (justiça, paz, caridade), levando assim a realizar a utopia cristã. Jesus diz *“Um só mandamento vos dou: que vos ameis os uns aos outros, como eu vos amei”*. Isto se manifesta no ego espiritual que emerge como um infinito relativo que recolhe toda a informação de sua evolução e substitui do centro da vida humana o ego reptilico dos animais. Nele reside a dignidade da pessoa;
 6. **A salvação é igualmente libertação**. Isso não ocorre no último dia de nossas vidas, mas em forma continuada durante toda a vida. A salvação é igualmente a libertação de tudo o que oprime e degrada a vida;
 7. Talvez o mais importante no mundo cultural foi a afirmação por parte de Jesus da **dignidade humana**, de todo ser humano. O mundo foi feito para o homem, para todos os homens. Cada homem é livre e por isso responsável de seus atos. O homem não pode ser tratado como coisa. A dignidade humana é de todos, é universal;
 8. O Reino de Deus foi o sonho, o horizonte de Jesus. Ele sabia que esse horizonte não seria alcançado totalmente aqui, mas sim na **ressurreição**. Como atrator, está no centro da historia humana total (cosmogénica);
 9. Não podemos perder de vista a **visão teleológica**, que é o caminho a seguir para atingir um determinado fim. O fim fundamental dos cristãos é o Reino de Deus;
 10. A superioridade do **Cristianismo** sobre todas as outras formas de fé é estar identificado com uma **Cristogênese**, com uma ressurreição de todo o universo em forma imortal e unitiva.

E-mail do Autor:

ryunes@msn.com